

**NATUROLOGIA APLICADA A UMA EDUCAÇÃO PARA A MORTE**Flávia Cestaro Christofolletti¹Maria Helena Pereira Franco²**RESUMO**

Objetiva-se discutir, neste artigo de revisão, o conceito de Naturologia Aplicada vinculada à prática da Educação para a morte. A Naturologia tem como preceito o trabalho com a prevenção, manutenção e recuperação da saúde, usando como forma de intervenção a educação. Associada ao termo saúde, a educação desenvolve um papel de orientação e instrução às atividades diárias bem como estimula a reflexão à corresponsabilidade do indivíduo no processo de saúde individual e coletiva. Pensar em educação em saúde é também pensar em uma educação para a morte que, a partir do momento que é entendida como desenvolvimento do ser, busca o sentido para a vida e a qualidade da mesma que a reflexão sobre a morte pode despertar.

Palavras chave: Educação. Morte. Tanatologia

¹ Programa de Psicologia Clínica – Família e Comunidade – Pontifícia Universidade Católica / PUCSP - E-mail da autora: flaviacestaro@yahoo.com.br

² Professora titular na Pontifícia Universidade Católica/ PUCSP – E-mail: mhfranco@pucsp.br

1 INTRODUÇÃO

No ciclo de vida do Homem, é constante a presença de situações que envolvem perdas e ganhos, exigindo constantes movimentos de mudanças. Tais eventos concernentes à finitude e aos potenciais de transformação merecem atenção quando reconhecidos como parte integrante da saúde. Nesse aspecto, a educação, como formadora e propulsora de desenvolvimento, é utilizada como ferramenta para um aumento do potencial de discussão, reflexão e ação no que diz respeito à morte e à saúde.

A Naturologia Aplicada³ é um campo do conhecimento que estuda a saúde a partir de uma visão integrada do ser humano. Por meio das práticas integrativas e complementares, o Naturólogo⁴ promove a interagência processo participativo mútuo entre Naturólogo e Interagente⁵ para despertar, conscientizar e trabalhar as potencialidades do Interagente frente aos fatores que levam ao seu desequilíbrio. O olhar diferenciado do Naturólogo sobre o ser humano considera todas as nuances da vida como elementos de um mesmo ser as quais são trabalhadas por meio de uma ação educativa.

O conhecimento da Naturologia é atribuído por meio de um paradigma da saúde, que procura redefinir os conceitos de vida e de morte, de saúde e de qualidade de vida. Baseada numa nova relação entre natureza e cultura e, por conseguinte, uma nova concepção do ser humano, da ciência e da razão, a Naturologia torna-se um conhecimento transdisciplinar que atua em um campo igualmente transdisciplinar. Revisto no I Fórum Conceitual de Naturologia realizado em 2009, o conceito define Naturologia como uma abordagem integral na área da saúde pela relação de interagência do ser humano consigo, com o próximo e com o meio ambiente, com o objetivo de promoção, manutenção e recuperação da saúde e da qualidade de vida.

³ Naturologia Aplicada é um curso de graduação criado em 1998 e reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura - Decreto Presidencial Nº 5.572/02 de 27/08/2002.

⁴ Profissional formado em Naturologia Aplicada, habilitado como bacharel em Naturologia.

⁵ Equivalente ao termo “paciente” da medicina ocidental é aquele que junto ao Naturólogo promove a interagência.

A transdisciplinaridade, nessa questão, torna-se um caminho mais próximo da definição de episteme da profissão que, aliada a uma estrutura em que é radicada a interdisciplinaridade, a Naturologia, cria um campo teórico, operacional ou disciplinar de tipo novo, com características mais amplas e mais abrangentes.

Por meio de uma visão sistêmica de mundo e de organismo, em que os sistemas são integrados, cujas propriedades não podem ser reduzidas a partes menores, a saúde é vista e trabalhada baseada no holismo, o que dá suporte a novos conceitos de integralidade e complementaridade, da qual a Naturologia compartilha.

Em 1922, com o físico Niels Bohr a complementaridade foi introduzida quanto conceito, revelando a coexistência de duas descrições complementares da realidade. A complementaridade passou a ser um fundamento epistemológico quando sua definição primária referiu-se à:

[...]impossibilidade de qualquer forma de separação entre o comportamento de objetos atômicos e a interação com os instrumentos de medida, os quais definem as condições sobre as quais o fenômeno aparece. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1997, *apud* BARROS, 2008, p.153)

Com isso no campo da saúde, a complementaridade toma forma e sentido quando entendida e trabalhada de maneira precisa, não valorizando apenas o momento da aplicação da terapêutica, mas considerando a origem do problema na dimensão dos agentes causadores de desequilíbrio. Barros (2008), apoiado nas ideias de Bachelard (1994), detalha os princípios da medicina alternativa e, num contínuo, da Naturologia, como um movimento construído nas bases do movimento da contracultura dos anos 60 cuja noção de saúde permeia o cuidado nos âmbitos psicológico, sociológico, biológico e espiritual.

Segundo Luz e Souza (2009, p.394):

O motivo da expansão contínua da opção por terapias alternativas na sociedade atual fundamentam-se em escolhas culturais e terapêuticas que apontam para transformações nas representações de saúde, doença, tratamento e cura presentes no processo de transformação da cultura.

É importante também ressaltar que existem diferenças entre os termos medicina alternativa e medicina complementar, e no campo da saúde, são muitas as

definições, não restritas a um conceito único. No que melhor se adequa ao trabalho realizado pela Naturologia, e pelas bases epistemológicas estudadas na profissão, um conceito será explanado para tratar esta diferença.

Em 1990, por meio de um conjunto de definições disponíveis na internet, a medicina alternativa ficou assim chamada quando utilizada separadamente ou no lugar da medicina convencional. Se, o tratamento é feito em conjunto com a medicina convencional, a técnica é referida como medicina complementar, ou seja, duas práticas interagindo entre si, uma complementando a outra. (NCCA PUBLICATION, 2011; AAIM, 2011).

Por ser um termo ainda em construção no campo da saúde, tanto no Brasil como internacionalmente, a medicina complementar nem sempre abrange em sua definição essa noção inclusiva, surgindo em detrimento das contradições, a necessidade de um novo termo chamado de medicina integrativa. Na medicina integrativa, o foco está na saúde e não na doença e tratamento e a relação paciente/médico é bilateral, um trabalho conjunto e participativo unidos num único objetivo de manter a saúde e prestar atenção aos fatores de estilo de vida. (BARROS, 2008; LUZ e TESSER, 2008; NCCAM, 2011; AAIM, 2011).

Pautada na integralidade, a Naturologia desenvolve seu trabalho direcionado à educação em saúde, a partir da reorientação de hábitos e comportamentos, estímulo ao desenvolvimento e reorganização de potencialidades pessoais, além da conscientização de um hábito de vida saudável que a educação em saúde se faz presente. Por meio de diálogo e da corresponsabilidade individual e coletiva que se constroem novos parâmetros da promoção e fortalecimento da saúde.

Comprometida com o desenvolvimento e aprimoramento do ser, este conhecimento busca, atrelado às questões de vida e de morte, despertar a consciência para a necessidade de re-criar, fomentar novos arranjos que a finitude exige. Dentro dos estudos da Naturologia, encontra-se um olhar especial para a Tanatologia⁶, a qual se preocupa em utilizar o poder de cura da natureza no entendimento sobre a impermanência, a mutação e a finitude da dinâmica humana.

⁶ Área de estudos sobre a morte (KOVÁCS, 2008) e disciplina do curso de graduação em Naturologia Aplicada – UNISUL.

Este artigo objetiva discutir a relação entre a prática educativa em saúde, desenvolvida pela Naturologia com o tema morte no sentido de perdas, mudanças, e a própria finitude do Homem. Para tanto foi realizada revisão de literaturas que pudessem consolidar o tema pesquisado.

2 CONCEITOS DE SAÚDE E MORTE

Ao abordar o termo saúde, alguns conceitos podem ser levantados. Na conceituação das antigas tradições orientais e asiáticas, por meio de suas medicinas Chinesas e Ayurveda, a saúde tem o conceito de equilíbrio e harmonia em que o *chi*⁷ circula livremente pelo corpo, além de ser também referida como um alinhamento funcional, pleno de uma alma consciente, de uma mente estável, com sentidos disciplinados em um corpo harmônico com seus elementos e livre de toxinas. Ambos os conceitos fazem menção a um olhar integral sobre o homem, estabelecendo uma intrínseca relação entre as necessidades físicas, psíquicas e energéticas. (CAPRA, 1999; FRAWLEY, 2007).

De uma forma coesa, Capra (1999: 315) discorre sobre a saúde por meio de um conceito sistêmico que reverbera as filosofias antigas e volta a atenção para a díade atividade e mudança num processo contínuo capaz de refletir a resposta criativa do organismo aos desafios ambientais.

Interligado ao tema saúde, está o conceito de qualidade de vida que, dentre algumas explanações, refere à adesão da subjetividade e multidimensionalidade na formulação de um termo. O Grupo de Estudos em Qualidade de Vida da OMS (Grupo WHOQOL) traz a referência da percepção do indivíduo no contexto cultural e de sistema de valores que ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. (FLECK, 2000 e SEIDL, ZANNON, 2004). Capra (1999) complementa

⁷ O termo significa, literalmente, 'gás' ou 'éter', e é usado na China para descrever os diversos padrões de fluxo e flutuação no organismo humano, bem como as contínuas trocas entre o organismo e seu meio ambiente. (CAPRA, 1995).

referenciando a qualidade de vida aos temas da medicina hipocrática que valoriza o estado de equilíbrio, a importância de toda influência ambiental e a interdependência da mente e do corpo, o que vai de encontro com a referência à multidimensionalidade referida acima. Ressalta ainda a importância de assumir a subjetividade como um norteador da qualidade de vida.

Tais denominações revelam a necessidade da atenção para um olhar integrativo sobre o ser humano. O trabalho com a saúde, neste aspecto, torna-se denso e incessante, com medidas de manutenção, prevenção e recuperação constantes.

Ao analisar esta rede de mútuas associações, a Naturologia recorre à ligação das filosofias tradicionais em benefício da saúde, utilizando como forma de intervenção, a educação.

Pessini (2003) destaca dois paradigmas da saúde: o de curar e o de cuidar. Curar refere-se a todas as possibilidades de tratamento, não se atentando para a particularidade e subjetividade do doente. Já no cuidar, as características múltiplas da doença são pensadas e o indivíduo acometido é colocado em primeira ordem, o que chega mais próximo de um significado abrangente de saúde e fortalece os pilares da educação. Como complemento, Barros (2008, p.129) coloca a diferença entre abordar a saúde de forma técnica e reducionista e, um aspecto pedagógico, dizendo que “[...] enquanto a magia e a técnica levam para o esotérico o papel do cuidado e da cura, a relação pedagógica traz para o gnosiológico também o cuidado e a cura.”

Volich (2000) traz à tona a diferença entre ação terapêutica e ação educativa, em que uma visa o alívio das dores por meio de quem pode suavizá-las e a outra permite que o potencial do sujeito seja expresso e desenvolvido com base em modelos e normas sociais e individualmente estabelecidos.

O trabalho educativo nos moldes da Naturologia é valorizado e aplicado como mecanismo de conscientização e ampliação do conhecimento das necessidades reflexivas do ser humano em relação à saúde. Bell (2008) define a educação em saúde como uma atividade voltada principalmente para o exercício de uma consciência crítica que torna o ser humano capaz de gerar novos valores e fortalecer a capacidade criativa de resolver e enfrentar os desafios que compreendem o processo de viver, adoecer e morrer.

Associada ao termo saúde, a educação desenvolve um papel de orientação e instrução às atividades diárias bem como estimula a reflexão para a corresponsabilidade do indivíduo no processo de saúde individual e coletiva. Nessa vertente, é necessário refletir sobre a dinâmica do ensino-aprendizagem que, juntos, influenciam as decisões a serem tomadas pelo indivíduo, possibilitando a contribuição para diminuir, manter ou até mesmo elevar seu nível de saúde.

Ao relacionar todo o processo de educação com as questões de saúde, pensa-se em ações educativas sustentadas nos paradigmas referenciais da promoção da saúde humana. Neste contexto, a educação na saúde visa ser uma possibilidade de ultrapassar o pensamento existente, a fim de promover a reflexão sobre as condições materiais de vida e sua relação com a saúde.

Pensar em educação ou em saúde é também pensar numa educação para a morte. Uma das grandes estudiosas do tema, Kovács (2003, p. 22) ressalta que a educação é entendida como “desenvolvimento pessoal, aperfeiçoamento e cultivo do ser, e não como padrões de informação, receitas prontas ou doutrinação” e, no que concerne ao tema morte, o que se busca é o sentido para a vida e a qualidade da mesma que a reflexão sobre a morte pode despertar.

A morte, segundo Ferreira (2004), é traduzida como fim, término e termo da existência, o encerramento da vida. A morte, no entanto, também está presente em todo o desenvolvimento humano, o que permite entrelaçar morte e vida.

Viorst (2003, p.13) complementa

[...]perdemos, não só pela morte, mas também por abandonar e ser abandonado, por mudar e deixar coisas para trás e seguir nosso caminho... E nossas perdas incluem... a perda de nosso próprio eu jovem.

Na educação para a morte, a vivência de separações, comunicações, relacionamentos, doenças, perda de pessoas queridas e até mesmo situações em que a própria morte é ressaltada estão emaranhadas. Numa sociedade, porém, em que o tema morte é tabu, o trabalho com a finitude e impermanência das coisas é isolado e pouco inserido no dia a dia da população.

Pela vivência diária de perdas e renovações, pelos noticiários que destacam mortes e fins, pela própria dependência humana do término e começo, pela

mobilização afetivo/emocional e mesmo física em eventos que envolvam qualquer tipo de desligamento, pelas características vitais de formação de vínculos e pela necessidade do homem de elaborar rituais de despedida, uma atitude educativa para a morte durante o curso da vida se faz necessária.

Browley (1978, p. 447) refere-se à importância de um trabalho educativo para a morte:

To be educated for dying as well as for living does not mean that we need become morbidly preoccupied with death. The realization that each of us will die gives us a common interest; it helps to focus out attention and energies on the present and the near future, and on the absurdities of some of our present values and social practices⁸

A finitude é um tema abordado de forma dúbia, uma vez que a cultura insiste em negá-la exaltando a beleza constantemente possível da juventude e a alta valorização do consumo, ao mesmo tempo em que exibe sem censuras por meio da mídia, a alta taxa de violência e mortalidade. A questão é um paradoxo que, segundo Kovács (2003), é margeado pela necessidade de ocultamento da finitude e, concomitantemente, de valorizar a convivência verdadeira com o tema, tanto na esfera pública quanto na privada.

A influência cultural e da dinâmica social vigente é notada na forma de enfrentamento em relação ao tema morte. A falta de orientações culturais de como lidar com a morte e o luto poderia dificultar o ajuste emocional depois de uma perda. Kovács (2008) ainda acrescenta que as mudanças sociais acompanhadas do avanço da urbanização, industrialização e tecnologia médica acabaram por desvalorizar os rituais de passagem, bem como a vivência do luto, fator que contribui para a desorientação e o silêncio ao viver perdas significativas.

Nesse aspecto, o ocultamento da realidade finita manifestada por meio do silêncio sobre a morte, acaba encobrindo as necessidades, os medos e os desejos quanto ao envelhecimento e a morte. O que é visto, parafraseando Doll (2006, p.1341) é “[...] que nas sociedades atuais fica difícil encontrarmos palavras, gestos, rituais que permitam lidar com o tema “morte”[...]”

⁸ Tradução livre da autora: Ser educado para a morte assim como para a vida não significa que precisemos nos tornar morbidamente preocupados com a morte. A percepção de que cada um de nós vai morrer nos dá um interesse comum; isto ajuda a focarmos nossa atenção e energia no presente e num futuro próximo e sobre os absurdos de alguns de nossos valores e práticas sociais atuais.

A morte outrora era encarada com maior naturalidade. O homem sabia que ia morrer e se preparava para tal evento, realizando os ritos da morte. Segundo Ariés (1977), a maioria dos rituais ocidentais era aberto ao público e a presença do sacerdote para realizar a extrema unção era obrigatória. Os familiares participavam e cumpriam as tarefas de fechar as janelas, acender velas, cobrir espelhos e purificar a casa com água benta numa reverência que se estendia por três dias. As manifestações de luto eram respeitadas. Havia espaço para a expressão da dor das saudades e da separação, até que as pessoas sentidas pudessem se recuperar.

Atualmente a ritualização se modificou e o tempo para o sofrimento e a abordagem do evento diminuiu, o que dificulta a elaboração e a reorganização. Ao perceber a disposição atual, práticas educativas surgem como uma proposta de se repensar o conceito vida e morte, além de possibilitar a abertura de espaço para discussões que permeiam a relação entre saúde e qualidade de vida.

3 EDUCAÇÃO PARA A MORTE

A busca por entendimentos sobre a morte existe desde o início da vida e poder compreender tal fenômeno talvez seja o grande fascínio da humanidade.

Numa visão geral, o tema morte é mais abordado no seu aspecto filosófico e existencial, concernentes a religião, não havendo ainda o espaço suficiente para a inserção da problemática no meio educacional. Afastados deste propósito, o que se depara nas relações pessoais atuais são pensamentos, sensações e sentimentos silenciados a favor de uma estabilidade relacional cotidiana utópica.

Margeado pelo ocultamento, silenciamento e trabalhos isolados, o pouco espaço e valorização na abordagem da finitude acaba sendo reflexo de uma dificuldade na elaboração do luto nos dias atuais, o que Parkes (1998) aponta como uma realidade necessitada de atenção. Doll (1999, p.173) refere que “ por mais que se tente escondê-la, mais ela pesa quando acontece e menos estamos preparados para lidar com ela” .

Cursos diferenciados e pioneiros voltados à atenção e desenvolvimento do tema são propostos com o objetivo de tornar mais próxima a reflexão sobre a finitude e possibilitar a aquisição de sentido quando se lida com perdas.

Ao partir do pressuposto de que a aprendizagem sobre a morte é uma experiência para toda a vida, o trabalho individual ou grupal com a temática visa reconhecer e reavaliar os pré-conceitos assimilados numa perspectiva de reconstrução de sentidos; explorar reflexões sobre as perdas vividas durante todo o processo vital, além de estimular a sensibilização para lidar com as limitações humanas. (KOVÁCS, 2008; PY, 2006).

Cursos e grupos especializados no assunto estão sendo executados por profissionais pioneiros da área e ajudam a divulgar, estudar, cuidar e dar suporte à população profissional e pessoal interessada. Um exemplo disso é o Laboratório de Estudos e Intervenções sobre Luto (LELU), criado em 1996 pelo curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, núcleo Família e Comunidade na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) em que estudos, atendimentos, intervenções emergenciais e encaminhamentos específicos às perdas e ao luto estão disponíveis para o público.

Nesse mesmo contexto, o Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) situado na Universidade de São Paulo, monitora projetos existentes no tema e faz atendimento à comunidade. Criado em 2000, presta assessoria à equipe de enfermagem do Hospital Universitário da USP e ainda dispõe de vídeos educativos intitulados de: “Falando de Morte” feitos para crianças, adolescentes e idosos; estão disponíveis a qualquer pessoa interessada em saber mais sobre a abordagem da finitude, de acordo com faixas etárias específicas.

Um terceiro movimento foi desenvolvido por professoras formadas pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. A preocupação central do projeto e trabalho realizado foi a necessidade de capacitação de recursos humanos para interagir em situações que envolvam a finitude humana, levando aos alunos do curso Técnico de Enfermagem a possibilidade de discutir e refletir sobre a questão.

Projetos como esses expostos acima ganham repercussão no âmbito educacional, clínico e social, não atingindo somente as pessoas relacionadas diretamente aos serviços, mas toda a teia de relacionamentos. Um exemplo disso são

os resultados do trabalho de educação para a morte realizado em uma escola norte americana pelos pesquisadores Noland, Richardson and Bray (1980), nos quais todos os elementos abordados no trabalho atingiram tanto a população alvo como também, de forma indireta, outros membros da escola, por meio da repercussão e da discussão do assunto entre eles.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema finitude, talvez ainda mais que outros, impele a uma profunda reflexão. As experiências de perdas, mudanças e encerramentos, exigem do Homem um potencial de elaboração e readaptação constantes.

Encontrar uma vertente que possa olhar e auxiliar na habilidade para expressar sentimentos, interligando as discussões, dúvidas, dificuldades, medos e ansiedades com um cuidado à saúde de forma integral, sem exclusão ou separação de necessidades físicas e psicológicas, torna-se essencial na busca por qualidade de vida e, conseqüentemente, por uma boa saúde.

Neste caminho, a Naturologia aplicada a uma visão de prevenção e promoção, principalmente quando em situações de finalizações, complementaria o trabalho de educação para a morte e para a vida, trazendo para a consciência a preocupação e missão de desenvolvimento constante do Ser.

O trabalho de prevenção e promoção é um compromisso assumido quando há o entendimento e conscientização sobre saúde, no sentido de valorizar as etapas do viver numa perspectiva de ganhos e perdas constantes.

A existência de uma ciência que se preocupa com este processo e agrega em sua estrutura trabalhos voltados à finitude humana, permite ao ser humano ampliar suas possibilidades de cuidado à saúde.

O tema levantado é novo e exige aprimoramento na investigação sobre trabalhos realizados, bem como pesquisas teóricas que possam aperfeiçoar a ligação entre a atuação da Naturologia por meio de iniciativas em educação em saúde e educação para a morte.

REFERÊNCIAS

AMERICAN ASSOCIATION OF INTEGRATIVA MEDICINE (AAIM). Disponível em: <<http://www.aaimedicine.com/>> Acesso em: 04 jan.2011

ARIÉS, P. **A História da Morte no Ocidente.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BARROS, N.F. de. **A construção da medicina integrativa:** um desafio para o campo da saúde. São Paulo: Hucitec, 2008, 311p.

BELL, C. A. Do determinismo ao livre-arbítrio: um estudo de caso. In: HELLMANN, F.; WEDEKIN, L. M. (ORG). **O Livro das Interagências:** Estudos de Caso em Naturologia. Tubarão – SC: Editora UNISUL, 2008. p. 49-64.

BROWLEY, In: PAPALIA, D.E, OLDS, S. W. **Human Development.** New York: McGraw-Hill, 1978. 518p.

_____. **O Ponto de Mutação:** A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. 20 ed. São Paulo, Cultrix, 1999.

DOLL, J. Luto e Viuvez na Velhice. In: FREITAS, E.V.de & PY, L. (Orgs). **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. cap. 143. p. 1339-1352.

_____. Viuvez: processos de elaboração e readaptação. In: Py, Ligia (Org). **Finitude:** uma proposta para reflexão e prática em Gerontologia. Rio de Janeiro: Nau, p. 119-135, 1999

FERREIRA, A. B. de H. **Míniaurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 6. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2004. 895 p.

FLECK, M.P.A. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. **Ciência e Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, 2000,5(1):33-38.

FRAWLEY, D. **Uma visão Ayurvédica da mente:** a cura da consciência . São Paulo: Pensamento, 2007. 252 p.

KOVÁCS, M.J. **Educação Para a Morte:** Desafio na Formação de Profissionais de Saúde e Educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, 175 p.

_____. **Educação Para a Morte:** Temas e Reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, 224p.

_____**Desenvolvimento da Tanatologia:** estudos sobre a morte e o morrer. Paidéia, Ribeirão Preto, vol.18, no 41. Set/Dez 2008

KOVÁCS, M.J.; VAICIUNAS, N. Ciclo da Existência: Envelhecimento-Desenvolvimento Humano e Autoconhecimento. In: KOVÁCS, M.J.**Morte e Existência Humana: caminhos de cuidados e intervenção.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. cap VI, p. 96-111.

LUZ, M.T.; SOUZA, E.A.A. de. **Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas.** Rio de Janeiro, História, Ciência, saúde- Manguinhos vol.16, no 2. Abr/Jun 2009.

LUZ, M.T.; TESSER. C.D. Racionalidades Médicas e Terapêuticas Alternativas. **Ciência e Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, n.1, v.13, p. 195-206, 2008.

NATIONAL CENTER OF ALTERNATIVE AND COMPLEMENTARY MEDICINE (NCCAM). **What is a complementary and alternative Medicine?** Disponível em: <<http://nccam.nih.gov/about/naccam/>> Acesso em 04 jan. 2011.

PARKES, C.M. **Luto:** Estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PY, L. ; TREIN, F. Finitude e Infinitude: Dimensões do Tempo na Experiência do Envelhecimento. In: FREITAS, E.V.de & PY,L. (Orgs). **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1353-1359.

SEIDL, E.M.F; ZANNON, C.M.L. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro. vol.20 no.2 Mar/Abr.2004.

VIORST, J. **Perdas Necessárias.** 25 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

VOLICH, R. M. O cuidar e o sonhar. Por uma outra visão da ação terapêutica e do ato educativo. **O mundo em saúde.** São Paulo. ano 24, v.4, jul/ago 2000, p. 237-45